

AGRICULTURA EM SÃO PAULO

Boletim Técnico do Instituto de Economia Agrícola

Ano XXVII

Tomo I

1980

EXPORTAÇÕES AGRÍCOLAS DE SÃO PAULO E SEU POTENCIAL - ÓLEO DE AMENDOIM (1)

Irene J. E. Goldenberg
Roxana Maria Moraru Topoi
Everton Ramos de Lins
Matilde M. M. de Almeida Barros

A proposta deste trabalho foi a de caracterizar o processo de comercialização do óleo de amendoim no Estado de São Paulo, que é o principal exportador nacional, analisar as vantagens comparativas de comércio entre os exportadores paulistas e mercados concorrentes e avaliar os problemas de infra-estrutura que dificultam a expansão do comércio.

A metodologia utilizada consistiu em selecionar um grupo de estabelecimentos exportadores do produto que tivesse representatividade no volume anual de exportações pelo terminal de Santos.

Entre os resultados mais relevantes, tem-se que o Brasil não é ainda um exportador tradicional do óleo de amendoim e que seus mercados ainda não estão bem definidos, apesar de sua participação nas importações mundiais ter sido crescente durante o período considerado.

1 - INTRODUÇÃO

Entre os objetivos específicos desta parte da pesquisa de mercados potenciais, destacam-se aqueles relacionados à caracterização do processo de comercialização, às vantagens comparativas de comércio entre os exportadores de São Paulo e mercados concorrentes e aos problemas de infra-estrutura que têm dificultado a expansão do comércio.

(1) O presente relatório faz parte do Projeto IEA/03 "Mercados Potenciais para Produtos de Interesse da Agricultura", executado pelo Instituto de Economia Agrícola da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, sob os auspícios do Convênio União/Estado/FAPESP.

Em diferentes fases de sua elaboração, este trabalho contou com a colaboração de Alberto Veiga, Hiroshige Okawa, Joel E. Oliveira Kersten, Antônio José da Costa Neto e Maria Alice Cesar Serapião.

Liberado para publicação em 22/06/80.

Assim, alicerçados em um diagnóstico da atividade de comercialização junto ao setor exportador paulista, procurou-se examinar os seguintes aspectos em relação aos produtos selecionados:

- a) aceitação do produto no exterior, tendo por base suas características intrínsecas e forma de apresentação;
- b) forma de atuação do setor exportador paulista, com base nos tipos de organizações que operam no mercado, tendo em conta a atividade principal desses estabelecimentos, suas linhas de produtos, tradição e localização geográfica das filiais;
- c) exame dos canais de distribuição, de forma a se obter uma visão integrada da comercialização que ofereça subsídios a eventuais estudos de custos e de análise da eficiência da distribuição desses produtos ao mercado externo;
- d) importância dos indivíduos ou organizações comerciais que operam no mercado exportador paulista através das práticas comuns de negociação; e
- e) problemas que têm dificultado a expansão das vendas ao exterior, considerando as exigências do mercado no que tange aos serviços envolvidos no fluxo de mercadorias da indústria ao porto.

2 - METODOLOGIA

Com respeito à escolha de produtos de interesse para estudo de mercados potenciais, foram selecionados, entre aqueles previamente definidos pelo Projeto IEA/03, os seguintes: milho em grão, soja (grão, farelo e óleo), amendoim (grão, farelo e óleo) e suco de laranja. Tal escolha baseou-se em critérios de regularidade e volume de exportação e, em parte, na similaridade de uso destes produtos.

De posse da definição da área e dos produtos, partiu-se para a seleção da amostra, com base na população de estabelecimentos exportadores registrados no Porto de Santos em 1973.

A partir da relação de estabelecimentos que exportaram óleo de amendoim pelo Porto de Santos, foi feita a divisão em grupos dos estabelecimentos selecionados, conforme o volume anual de embarque, de modo que, no conjunto, os estabelecimentos da amostra, para este produto, representaram 62,8 por cento das exportações registradas no terminal de Santos, que por sua vez equivaleram a 86,2 por cento das exportações nacionais em 1973.

Os estabelecimentos relacionados em 1973 pela Revista Mensal de Exportação do Porto de Santos foram agrupados em três estratos, com base no volume exportado, assumindo que estabelecimentos que

exportam em nível de escala semelhante apresentam sistemas de comercialização e problemas comuns. No estrato I, composto de estabelecimentos grandes, não foi identificado nenhum que pudesse ser enquadrado; no estrato II, composto de estabelecimentos médios, foram selecionados dois estabelecimentos cuja exportação foi de 11.800 toneladas; no estrato III, com estabelecimentos pequenos, foram selecionados seis estabelecimentos que exportaram conjuntamente 12.222 toneladas.

Definida a amostra, procedeu-se ao levantamento das informações através de entrevistas diretas, preferencialmente junto aos dirigentes dos estabelecimentos exportadores. O levantamento iniciou-se em maio de 1974 e estendeu-se até outubro do mesmo ano, tendo sido consideradas, como base para análise, as situações verificadas no ano de 1973. As seguintes características das firmas e do sistema de comercialização foram consideradas:

- a) estabelecimentos exportadores: empresas assim relacionadas pela Revista Mensal de Exportação do Porto de Santos em 1973. Foi definido como grande estabelecimento exportador aquele cuja média de vendas ao exterior, no ano, superou as 10.000t; estabelecimentos médios, aqueles que exportaram de 5.000t a 10.000t; e os pequenos, com um volume inferior a 5.000t. Ainda que um grande número de estabelecimentos tenha comercializado mais de um produto no mercado externo, eles foram classificados e analisados separadamente, em função de sua importância como exportador de cada produto;
- b) constituição jurídica: discriminaram-se os estabelecimentos segundo as diversas categorias a que pertencem, ou seja, individuais quando pertencentes a uma só pessoa e não individuais quando incluem as sociedades de nome coletivo, em comandita simples e de capital, sociedade de responsabilidade limitada e sociedade anônima. Esta discriminação foi baseada nos termos definidos na última assembléia geral e registrados na Junta Comercial de São Paulo;
- c) tradição: estabelecimentos exportadores tradicionais e não tradicionais arbitrariamente definidos com base na década de 60, quando ganhou mais importância a conquista dos mercados externos, devido às mudanças na ordem política e econômica. Estabelecimentos tradicionais são aqueles que se estabeleceram e que exportavam anteriormente a 1960 e não tradicionais aqueles que só começaram a exportar posteriormente àquele ano;
- d) características do produto: a definição do tipo de produto vendido ao mercado externo baseou-se no conjunto de especificações cons-

tantes em resoluções emitidas pelo Conselho Nacional de Comércio Exterior (CONCEX). Tratando-se dos tipos de produtos mais solicitados, tais especificações corresponderam às informações fornecidas pelos exportadores e por classificadores oficiais cadastrados na Carteira do Comércio Exterior do Banco do Brasil (CACEX), baseando-se na suposição de que estes são os elementos que possuem melhores condições de avaliação;

- e) venda e compra: definida como atividade de venda do produto pelas empresas exportadoras ao mercado importador e compra é a aquisição do produto do produtor ou do corretor e outros intermediários;
- f) estabelecimentos de comercialização: no caso do óleo, aqueles que se ocupam com a venda ou colocação do produto no mercado externo; e
- g) canais de comercialização: canais de comercialização ou de distribuição foram definidos com base na seqüência de operações que se verificam desde a produção da matéria-prima até o mercado exportador.

3 - MERCADO MUNDIAL

3.1 - Evolução Recente

No comércio mundial de óleos vegetais, o óleo de amendoim tem apresentado um desempenho satisfatório, tendo suas exportações, no período de 1964-66 a 1971-73, evoluído a uma taxa de 4,2 por cento ao ano (quadro 1). Entretanto, sua participação no valor das exportações mundiais de óleos vegetais nos anos de 1968-70 e 1971-73 foi inferior aos 15 por cento observados anteriormente. Deve-se isto à rápida expansão do comércio mundial de soja e seus derivados e elevação de suas cotações, capazes de proporcionar taxas de crescimento em nível superior à dos demais produtos concorrentes.

Dentre os subprodutos do amendoim em grãos verifica-se que o óleo é o que apresenta as maiores taxas de crescimento ao ano (quadro 2), representando em média de 25 por cento a 30 por cento do valor das exportações conjuntas de óleo, grão e farelo, produtos que totalizaram, em média, quase US\$600 milhões anuais em 1971-73.

QUADRO 1. - Evolução da Exportação Média Mundial de Óleo de Amendoim e de Produtos Concorrentes, Triênios de 1964-66, 1968-70 e 1971-73

Óleo	Valor médio e participação no triênio						Taxa geométrica (%)		
	1964-66		1968-70		1971-73		1964-66 a	1968-70 a	1964-66 a
	US\$1.000	%	US\$1.000	%	US\$1.000	%	1968-70	1971-73	1971-73
Amendoim	137.126	14,8	135.187	11,6	182.517	11,8	-0,4	10,5	4,2
Soja	179.351	19,3	196.610	16,9	366.845	23,7	2,3	23,1	10,7
Caroço de algodão	74.862	8,1	48.716	4,2	95.341	6,1	-10,3	25,1	3,5
Outros (1)	536.174	57,8	781.907	67,3	904.650	58,4	9,9	4,9	7,7
Total	927.513	100,0	1.162.420	100,0	1.549.353	100,0			

(1) Inclui óleo de copra, palma, girassol, gergelim, oliva, mostarda, nabo e linho.

Fonte: Elaborado a partir de dados da FAO (3).

QUADRO 2. - Evolução da Exportação Mundial de Amendoim, Principais Derivados, 1960-62 a 1971-73

Derivados	Valor médio e participação no triênio								Taxas geométricas (%)		
	1960-62		1964-66		1968-70		1971-73		1964-66	1968-70	1964-66
	US\$1.000	%	US\$1.000	%	US\$1.000	%	US\$1.000	%	a 1968-70	a 1971-73	a 1971-73
Óleo	100.004	24,3	137.126	25,4	135.187	27,3	182.517	30,7	-0,4	10,5	4,2
Grão	230.608	55,9	273.594	50,8	239.998	48,5	258.616	43,6	-3,2	2,5	-0,8
Farelo	81.861	19,8	128.287	23,8	119.907	24,2	152.656	25,7	-1,7	8,4	2,5
Total	412.473	100,0	539.007	100,0	495.092	100,0	593.789	100,0	-2,1	6,2	1,4

Fonte: Elaborado a partir dos dados da FAO (3).

3.2 - Classificação e Importância dos Mercados

3.2.1 - Mercados importadores

Os coeficientes de participação no mercado mundial importador revelam a existência de um mercado do tipo centralizado, nas mãos de alguns países do continente europeu. Os dados demonstram que para lá convergem mais de 80 por cento das importações mundiais. Os remanescentes têm sido orientados para diversas regiões, destacando-se entre estas a Ásia, com importação em torno de 6 por cento do total mundial (quadro 3).

A nível de áreas económicas, a liderança no mercado cabe à Comunidade Económica Europeia. Esta destacada liderança consolidou-se mais recentemente com a incorporação do Reino Unido, grande mercado importador. Em 1968-70 esta área importou 53 por cento e em 1971-73, 77 por cento.

Em contrapartida, a transferência do segundo maior mercado importador mundial da Associação Europeia de Livre Comércio para o Mercado Comum Europeu contribuiu para que esta área deixasse de exercer maior influência no mercado, muito embora sua posição continuasse a mesma. Assim pode-se registrar que em 1968-70 toda a sua influência estava representada por 29 por cento das importações mundiais e já em 1971-73, por apenas 6 por cento.

Com base na evidência de que na Europa, ou mais especificamente, na área da Comunidade Económica Europeia, pode ser encontrada a maior concentração do mercado mundial importador, é dessa área que deverão emergir os maiores mercados importadores do produto. Os valores individuais de participação revelam que a França, seguida do Reino Unido e Alemanha Ocidental lideram o comércio do produto, detendo conjuntamente nos triênios 1960-62, 1968-70, 1971-73 2/3 do mercado, com 60 por cento, 69 por cento e 63 por cento, respectivamente, das importações mundiais (quadro 4). Paralelamente, os sete maiores mercados a seguir importavam conjuntamente, em igual período, 10 por cento, 14 por cento e 22 por cento. Estas diferenças evidenciam o carácter concentrador e pouco diversificado do mercado mundial importador do produto, onde a demanda por importações se manifesta principalmente pela ação de três mercados.

A comparação entre as taxas anuais de crescimento permite verificar que, apesar do comércio evoluir a uma taxa modesta, alguns mercados registraram valores altamente positivos, superando por larga margem a média mundial registrada no período 1968-70 e 1971-73.

QUADRO 3. - Comércio Internacional de Óleo de Amendoim, Segundo Regiões,
Áreas Econômicas e Países Selecionados, 1968-70 e 1971-73

(continua)

Região, área econômica e país	1968-70		1971-73	
	Tipo de comércio líquido	Importação ou exp. mundial (%)	Tipo de comércio líquido	Importação ou exp. mundial (%)
Europa (1)	Imp.	83,39	Imp.	84,13
MCE	Imp.	53,00	Imp.	77,24
Alemanha Ocidental	Imp.	12,48	Imp.	13,69
França	Imp.	33,17	Imp.	35,38
Itália	Imp.	1,25	Imp.	3,52
Bélgica-Luxemburgo	Imp.	3,99	Imp.	6,65
Países Baixos	Imp.	2,11	Imp.	2,85
Reino Unido	—	—	Imp.	14,47
Dinamarca	—	—	Imp.	0,35
Irlanda	—	—	Imp.	0,33
AELC	Imp.	28,70	Imp.	5,85
Reino Unido	Imp.	23,34	—	—
Dinamarca	Imp.	0,39	—	—
Suécia	Imp.	0,97	Imp.	0,65
Noruega	Imp.	0,39	Imp.	0,92
Portugal	Imp.	1,52	Imp.	1,49
Suíça	Imp.	0,80	Imp.	1,84
Áustria	Imp.	1,29	Imp.	0,95
COMECON	Imp.	0,06	Imp.	0,16
Hungria	Imp.	0,01	Imp.	0,00
Tchecoslováquia	Exp.	0,03	—	—
Polônia	Imp.	0,05	Imp.	0,16
Outros	Imp.	1,63	Imp.	0,88
Irlanda (1)	Imp.	0,28	—	—
Finlândia	Imp.	0,04	Imp.	0,10
Espanha	Imp.	1,31	Imp.	0,78
Outros	Exp.	0,09	Imp.	0,00

(1) Considerou-se Dinamarca, Irlanda e Reino Unido como integrantes do MCE em 1971-73.

Fonte: Elaborado com dados da FAO (3).

QUADRO 3. - Comércio Internacional de Óleo de Amendoim: Segundo Regiões, Áreas Econômicas e Países Seleccionados, 1968-70 e 1971-73

(continua)

Região, área econômica e país	1968-70		1971-73	
	Tipo de comércio líquido	Importação ou exp. mundial (%)	Tipo de comércio líquido	Importação ou exp. mundial (%)
Américas do Norte				
e Central	Imp.	3,37	Exp.	8,27
Estados Unidos	Exp.	2,38	Exp.	8,27
Canadá	Imp.	1,88	Imp.	1,43
Rep. Dominicana	Imp.	1,03	Imp.	2,70
Outros	Imp.	0,46	Imp.	0,07
América do Sul	Exp.	13,53	Exp.	24,27
ALALC	Exp.	13,53	Exp.	24,27
Brasil	Exp.	2,60	Exp.	13,04
Venezuela	Imp.	0,87	Imp.	0,63
Argentina	Exp.	10,93	Exp.	11,23
Bolívia	Imp.	1,05	Imp.	1,24
Outros	Imp.	0,02	Imp.	0,01
Ásia	Imp.	6,26	Imp.	5,90
Birmania	Imp.	0,02	—	—
Brunei	Imp.	0,09	Imp.	0,07
Rep. Pop. da China	Exp.	3,50	Exp.	2,63
Chipre	Imp.	0,27	Imp.	0,14
Hong-Kong	Imp.	3,07	Imp.	3,31
Malásia do Sul	—	—	Imp.	0,47
Borneo do Norte	Imp.	0,39	Imp.	0,30
Japão	Exp.	0,14	Exp.	0,04
Índia	Exp.	0,02	Exp.	0,02
Indonésia	Exp.	0,07	Exp.	0,06
Israel	Imp.	0,06	Exp.	0,04
Singapura	Imp.	1,23	Imp.	0,88
Líbano	Imp.	0,05	Imp.	0,09
Outros	Imp.	1,08	Imp.	0,64

Fonte: Elaborado com dados da FAO (3).

QUADRO 3. - Comércio Internacional de Óleo de Amendoim, segundo Regiões, Áreas Econômicas e Países Seleccionados, 1968-70 e 1971-73

(conclusão)

Região, área econômica e país	1968-70		1971-73	
	Tipo de comércio líquido	Importação ou exp. mundial (%)	Tipo de comércio líquido	Importação ou exp. mundial (%)
África	Exp.	67,81	Exp.	53,80
Argélia	Imp.	0,23	Imp.	0,26
Madagascar	Imp.	0,05	Imp.	0,03
Marrocos	Exp.	0,00	—	—
Gambia	Exp.	3,53	Exp.	3,05
Níger	Exp.	1,05	Exp.	4,23
Nigéria	Exp.	23,10	Exp.	14,02
Senegal	Exp.	35,15	Exp.	27,71
África do Sul	Exp.	2,71	Exp.	2,66
Sudão	Imp.	0,00	Imp.	0,02
Moçambique	Exp.	1,69	Exp.	1,24
Malauí	Exp.	0,01	—	—
Mali	Exp.	0,52	Exp.	0,85
Alto Volta	Exp.	0,05	Exp.	0,04
Zambia	Imp.	0,64	Imp.	0,25
Outros	Imp.	1,88	Imp.	1,63
Oceania	Imp.	2,18	Imp.	1,61
Austrália	Imp.	1,34	Imp.	0,87
Outros	Imp.	0,84	Imp.	0,74

Fonte: Elaborado com dados da FAO (3).

QUADRO 4. - Evolução do Comércio Internacional de Óleo de Amendoim, por País, Dez Maiores Importadores, 1960-62, 1968-70 e 1971-73

País importador (1) :	Volume médio importado e participação						Taxa geométrica	
	1960-62		1968-70		1971-73		1960-62	1968-70
	Média anual (t)	Participação (%)	Média anual (t)	Participação (%)	Média anual (t)	Participação (%)	a 1971-73 (%)	a 1971-73 (%)
1º França	116.159	38,16	145.763	33,17	165.727	35,38	3,28	4,37
2º Reino Unido	40.504	13,31	102.575	23,34	67.796	14,47	4,79	-12,89
3º Alemanha Ocidental	24.904	8,18	54.838	12,48	64.153	13,69	8,98	5,37
4º Belux	10.897	3,58	17.544	3,99	31.149	6,65	10,02	21,09
5º Itália	619	0,20	5.464	1,25	16.469	3,52	34,75	44,45
Subtotal	193.083	63,43	326.184	74,23	345.294	73,71	5,43	1,92
6º Hong-Kong	10.545	3,46	13.482	3,07	15.496	3,31	3,56	4,75
7º Países Baixos	6.365	2,09	9.282	2,11	13.351	2,85	6,97	18,88
8º República Dominicana	—	—	4.509	1,03	12.667	2,70	—	41,10
9º Suíça	3.180	1,05	3.491	0,80	8.616	1,84	9,48	35,14
10º Portugal	2.281	0,75	6.687	1,52	6.989	1,49	10,72	1,48
Subtotal	216.454	70,78	363.635	82,76	402.413	85,90	5,84	3,43
Outros	88.961	29,22	75.757	17,24	66.057	14,10	-2,67	-4,46
Total	304.415	100,00	439.392	100,00	468.470	100,00	4,00	2,16

(1) A ordem de importância corresponde à observada em 1971-73.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da FAO (3).

Entre estes estariam na Europa, a Itália (44,4 por cento a.a.), a Suíça (35,1 por cento a.a.), o Belux (21,0 por cento a.a.), os Países Baixos (18,8 por cento a.a.) e no continente americano, a República Dominicana (41,1 por cento a.a.).

Como contrapartida, as menores taxas recaíram sobre os maiores países importadores mundiais: Reino Unido (-12,8 por cento a.a.) e Alemanha Ocidental (5,3 por cento a.a.).

É interessante observar que, em igual período, o grupo dos cinco maiores importadores, onde estes estariam inseridos, aumentou suas importações a uma taxa anual de 1,9 por cento a.a., enquanto que o grupo dos dez maiores e o de outros, a uma taxa de 3,4 por cento a.a. e de -4,4 por cento a.a. respectivamente.

A evidência sugere que a expansão conseguida no comércio em período recente efetivou-se não tanto pela expansão de mercados maiores, mas pelo aumento mais rápido nas importações dos mercados médios, uma vez que, à exceção destes, os demais têm apresentado uma constante queda nas suas importações (vide quadro 4).

3.2.2 - Mercados exportadores

Do lado da oferta, o mercado mundial exportador tem dependido de modo significativo da produção dos países africanos. Esta dependência, no entanto, não é total e se manifesta por meio de percentuais que representavam, em 1971-73, 54,4 por cento da exportação mundial. As diferenças têm sido exportadas pelos países das regiões da América do Norte (8,3 por cento), América do Sul (24,3 por cento) e da Ásia (5,9 por cento) (quadro 3).

Na África, as exportações, ainda que pulverizadas, assumem um significado maior no Senegal e Nigéria, que detêm conjuntamente 42 por cento das exportações mundiais. Ao lado deles, comparecem exportando mais de 10 países africanos, com percentuais que variam de menos de 1 por cento até 4 por cento das exportações mundiais.

Na América do Sul, o Brasil juntamente com a Argentina asseguram a quase totalidade das exportações do continente e na América do Norte e Central, os Estados Unidos com 100 por cento são os únicos exportadores.

Apesar das diferenças de estrutura entre as regiões exportadoras, ao se agrupar os cinco maiores mercados, verifica-se que eles detêm desde 1960/62 70 por cento da oferta mundial (quadro 5). Fazendo-se uma comparação entre os percentuais de participação no mercado, notam-se variações de maior amplitude favorecendo as posi-

QUADRO 5. - Evolução do Comércio Internacional de Óleo de Amendoim, por País, Dez Maiores Exportadores, 1960-62, 1968-70 e 1971-73

País exportador (1)	Volume médio exportado e participação						Taxa geométrica	
	1960-62		1968-70		1971-73		1960-62	1968-70
	Média anual (t)	Participação (%)	Média anual (t)	Participação (%)	Média anual (t)	Participação (%)	a 1971-73 (%)	a 1971-73 (%)
1º Senegal	119.487	36,59	153.413	35,15	126.466	27,71	0,52	-6,24
2º Nigéria	52.401	16,05	100.839	23,10	63.999	14,02	1,83	-14,06
3º Brasil	74	0,02	11.356	2,60	59.539	13,04	83,71	73,71
4º Argentina	59.972	18,37	47.679	10,93	51.243	11,23	-1,42	2,43
5º Estados Unidos	2.346	0,72	10.404	2,38	37.770	8,27	28,74	53,69
Subtotal	234.280	71,75	323.691	74,16	339.017	74,27	3,42	1,56
6º Niger	3.936	1,20	4.584	1,05	19.312	4,23	15,56	61,51
7º França	7.857	2,41	19.587	4,49	14.662	3,21	5,84	-9,20
8º Gambia	222	0,07	15.429	3,53	13.898	3,05	45,66	-3,42
9º África do Sul	13.294	4,07	11.829	2,71	12.127	2,66	-0,83	0,83
10º Rep. Pop. da China	13.050	4,00	15.267	3,50	12.000	2,63	-0,76	-7,71
Subtotal	272.639	83,50	390.387	89,44	411.016	90,05	3,80	1,73
Outros	53.871	16,50	46.071	10,56	45.433	9,95	-1,54	-0,46
Total	326.510	100,00	436.458	100,00	456.449	100,00	3,09	1,50

(1) A ordem de importância corresponde à observada em 1971-73.

Fonte: Elaborado com dados da FAO (3).

ções dos países americanos e desfavorecendo a dos países africanos.

Entre 1960-62 e 1971-73, a quantidade de óleo de amendoim exportado aumentou 3,1 por cento, registrando-se para o Senegal e Nigéria aumentos inferiores de 0,5 por cento e 1,8 por cento a.a. Nesse mesmo período, o Brasil e os Estados Unidos obtiveram taxas da ordem de 83,7 por cento e 28,7 por cento a.a. De 1968-70 a 1971-73 as diferenças foram maiores. Os países africanos apresentaram taxas negativas, -6,2 por cento e -14,1 por cento a.a., respectivamente, enquanto os países americanos apresentaram taxas positivas e superiores da ordem de 73,7 por cento a.a. e 53,7 por cento a.a.

Desta forma, o Brasil, que ocupava em 1968-70 a oitava posição no mercado mundial, passa para a terceira posição com 13 por cento, em 1971-73, e os Estados Unidos da nona posição para a quinta, com 8,2 por cento.

Quanto ao conjunto dos países incluídos entre os dez maiores exportadores, verifica-se uma constante elevação em suas exportações, tendo alcançado no período entre 1968-70 a 1971-73 uma taxa de crescimento de 1,7 por cento a.a., superior portanto à taxa de 1,5 por cento a.a. observada para o grupo dos cinco maiores.

Embora essas taxas não difiram muito entre si, uma comparação dessas diferenças em período anterior tende a reforçar a tendência à desconcentração do mercado mundial exportador em outros países que não o Senegal e a Nigéria.

4 - EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS

4.1 - Evolução Recente

Conforme salientado anteriormente, as exportações brasileiras de óleo de amendoim só passaram a ter algum significado no mercado internacional em 1968-70, quando o volume exportado totalizou cerca de 2,6 por cento das importações mundiais do produto. Nos anos seguintes, com incentivo à expansão dessas exportações e o contingenciamento do principal produto concorrente, o óleo de soja, as vendas ao exterior elevaram-se de 11 mil para 60 mil toneladas, aumento este que veio possibilitar uma substancial melhoria na posição do Brasil como mercado exportador. Com isto, em 1971-73 o Brasil passou a ocupar a terceira posição com uma contribuição de 13 por cento no mercado (quadro 5).

Esta melhoria de posição foi o resultado de um crescimento a uma taxa média anual altíssima, no período 1968-70 a 1971-73 (73,7

porcento a.a.), capaz de superar por larga margem a taxa de crescimento das exportações mundiais (1,5 por cento a.a.).

Face a esse desempenho altamente favorável, o óleo passou a liderar as exportações brasileiras do grão e principais derivados, contrastando com a situação verificada no mercado internacional, onde não o óleo mas o produto em grão tem-se constituído no principal item desta pauta (quadro 6). Situação idêntica foi verificada nas exportações de óleo de amendoim e dos principais produtos concorrentes, soja, caroço de algodão e outros. Enquanto no mercado brasileiro, as exportações de óleo de amendoim asseguram mais da metade das receitas geradas com a venda de óleos, no mercado internacional, estas não chegam a representar 10 por cento (quadro 7).

Essa situação, no entanto, vem oferecendo muitos sinais de melhoria quando se verifica que as exportações brasileiras têm se assegurado de uma maior parcela do mercado mundial importador.

4.2 - Portos de Embarque

Devido aos maiores plantios de amendoim nos Estados de São Paulo e Paraná, responsáveis por mais de 90 por cento da produção brasileira, e à concentração de indústrias próximas às zonas de produção, as exportações de óleo de amendoim são escoadas principalmente pelos portos de Santos e Paranaguá. No triênio 1971-73, os embarques por estes portos totalizaram respectivamente 87,8 por cento e 11,2 por cento do volume médio exportado, ou seja, o equivalente a 52 mil e 7 mil toneladas (quadro 8).

4.3 - Mercados Compradores

À Europa, onde se constata o maior volume de importação mundial do produto, é destinada a maior parcela das exportações brasileiras. Em 1968-70 e 1971-73 esta região de mercado absorveu 97 por cento e 98 por cento, ou seja, a quase totalidade das vendas brasileiras ao exterior (quadro 9).

A nível de áreas econômicas importadoras, a igualdade entre a área de concentração de mercado mundial e brasileira continua prevalecendo. O Mercado Comum Europeu é a área responsável pela absorção da maior parcela das exportações brasileiras, tendo importado nos triênios considerados 91 por cento e 94 por cento.

A nível de países, verifica-se uma tendência à diversificação e ampliação da área de mercado, com aumento progressivo do número

QUADRO 6. - Valor Médio das Exportações Brasileiras de Óleo, Farelo e Grão de Amendoim, 1960-62 a 1971-73

Amendoim	Valor médio (US\$1.000)				Taxa geométrica (%)		
	1960-62	1964-66	1968-70	1971-73	1964-66	1968-70	1964-66
					a	a	a
					1968-70	1971-73	1971-73
Óleo	—	—	3.571	22.939	—	85,9	—
Farelo	4.924	7.366	11.201	15.167	11,0	10,6	10,9
Grão	1.660	2.520	7.130	13.982	29,6	25,2	27,7
Total	6.584	9.886	21.902	52.088	22,0	33,5	26,8

Fonte: Elaborado com dados do Ministério da Fazenda (1).

QUADRO 7. - Exportação Brasileira de Óleo de Amendoim e das Demais Oleaginosas Concorrentes, 1964-66 a 1971-73

Discriminação	1964-66		1968-70		1971-73		Taxa geométrica (%)		
	US\$1.000	%	US\$1.000	%	US\$1.000	%	1964-66 a 1968-70	1968-70 a 1971-73	1964-66 a 1971-73
	Amendoim	—	—	3.571	52,5	22.939	57,5	—	85,9
Soja	—	—	—	—	16.500	41,4	—	—	
Caroço de Algodão	—	—	28	0,4	457	1,1	—	153,6	
Outros (1)	—	—	3.205	47,1	—	—	—	—	
Total	—	—	6.804	100,0	39.896	100,0	—	80,3	

(1) Inclui óleos de copra, palma, girassol, gergelim, oliva, mostarda, nabo e linho.

Fonte: Elaborado com dados da Carteira de Comércio Exterior (CACEX) (1)

QUADRO 8. - Volume Médio de Exportação Brasileira de Óleo de Amendoim por Porto de Embarque, 1971-73

Porto de embarque	1971		1972		1973		Média aritmética 1971-73	
	t	%	t	%	t	%	t	%
Santos	52.319	90,0	66.739	86,5	38.234	86,2	52.430	87,8
Paranaguá	4.036	7,0	10.137	13,1	5.731	12,9	6.634	11,1
Outros	1.269	2,2	311	0,4	365	0,9	649	1,1
Brasil	57.624	100,0	77.187	100,0	44.330	100,0	59.713	100,0

Fonte: Elaborado com dados da CACEX (1).

QUADRO 9. Volume Médio de Exportação Brasileira de Óleo de Amendoim, Segundo as Principais Regiões, Áreas Econômicas e Países de Destino, 1960-62, 1968-70 e 1971-73

Região, área econômica e país de destino	1960-62		1968-70		1971-73	
	t	%	t	%	t	%
Europa ⁽¹⁾	812	92,06	10.947	97,04	58.838	98,58
MCE	812	92,06	10.247	90,83	56.364	94,44
Alemanha Ocidental	—	—	2.176	19,29	8.799	14,74
Belux	—	—	—	—	267	0,45
França	—	—	169	1,50	6.239	10,45
Itália	—	—	—	—	1.753	2,94
Países Baixos	812	92,06	7.902	70,04	37.795	63,33
Reino Unido	—	—	—	—	1.511	2,53
COMECON	—	—	583	5,17	563	0,94
Alemanha Oriental	—	—	583	5,17	563	0,94
Outros	—	—	117	1,04	2.200	3,68
Espanha	—	—	117	1,04	1.911	3,20
U.R.S.S.	—	—	—	—	289	0,48
América do Norte	—	—	—	—	134	0,23
Estados Unidos	—	—	—	—	134	0,23
América do Sul	70	7,94	—	—	343	0,58
Paraguai	70	7,94	—	—	—	—
Venezuela	—	—	—	—	343	0,58
Ásia	—	—	334	2,96	10	0,02
Hong-Kong	—	—	334	2,96	10	0,02
Oceania	—	—	—	—	66	0,11
Austrália	—	—	—	—	66	0,11
Total	882	100,00	11.281	100,00	59.680	100,00

(1) Considerou-se a Dinamarca, Irlanda e Reino Unido como integrantes do Mercado Comum Europeu (MCE) em 1971-73.

Fonte: Elaborado com dados da CACEX (1).

de países participantes da mesma. Em 1960-62, o número de países participantes da área de mercado brasileira era apenas de dois mercados, Países Baixos e Paraguai. No período seguinte, 1968-70, totalizaram seis mercados e mais recentemente, em 1971-73, doze mercados.

Quanto ao aspecto de regularidade nos fornecimentos aos mercados, a análise da pauta de países importadores, ainda que referente a um período relativamente curto, permite constatar a presença destacada dos Países Baixos como principal mercado brasileiro desde o início da década de 60 (quadro 9). No período de substancial incremento dessas exportações, ou seja, a partir de 1968-70, surgiram alguns mercados novos de menor expressão que continuariam a recorrer ao mercado brasileiro em 1971-73. Tais são os casos dos mercados da Alemanha Ocidental, França, Alemanha Oriental e Espanha.

A partir de tais constatações pode-se concluir que, apesar do espaço de ampliação, diversificação da área de mercado brasileiro nos últimos anos e regularidade nos fornecimentos, o mercado de óleo de amendoim ainda é pouco flexível, uma vez que apenas um mercado lhe assegura a compra de cerca de 60 por cento do total. No entanto, esta inflexibilidade já se faz meio significativa, considerando-se o fato de que nos períodos 1960-62 e 1968-70 esta dependência era de 92 por cento e 70 por cento, respectivamente.

4.4 - Mercados Concorrentes

Apesar do bom desempenho das exportações brasileiras no mercado mundial, verifica-se, com base na relação entre importação total dos principais mercados importadores e importação ao Brasil, que a participação é reduzida nos países considerados grandes importadores. De fato, a participação máxima brasileira junto aos cinco principais mercados importadores mundiais não ultrapassou os 13 por cento e a mínima 1 por cento em 1971-73, sendo que neste grupo merecem destaque apenas a Alemanha Ocidental e a Itália. A participação do Brasil nestes dois mercados foi de 13,7 por cento e de 10,6 por cento, respectivamente, (quadro 10).

Por outro lado, junto aos dois maiores mercados importadores mundiais, França e Reino Unido, responsáveis por metade do volume comercializado internacionalmente, a participação do produto brasileiro limitou-se a 2 por cento e 3 por cento.

Estas diferenças permitem verificar a maior fragilidade das exportações brasileiras em diversos mercados, tendo em vista a maior dependência dos mercados importadores tradicionais de outras fontes,

QUADRO 10. - Importação Total e Participação do Brasil na Importação de Óleo de Amendoim por Países Seleccionados, Médias de 1960-62, 1968-70 e 1971-73

Importador (1)	1960-62			1968-70			1971-73		
	Total	Brasil	Brasil/ total	Total	Brasil	Brasil/ total	Total	Brasil	Brasil/ total
	(10t)	(10t)	(%)	(10t)	(10t)	(%)	(10t)	(10t)	(%)
França	116.159	—	—	145.763	169	0,12	165.727	6.239	3,76
Reino Unido	40.504	—	—	102.575	—	—	67.796	1.511	2,23
Alemanha Ocidental	24.904	—	—	54.838	2.176	3,97	64.153	8.799	13,72
Belux	10.897	—	—	17.544	—	—	31.149	267	0,86
Itália	619	—	—	5.464	—	—	16.469	1.753	10,64
Hong-Kong	10.545	—	—	13.482	334	2,48	15.496	10	0,06
Países Baixos	6.365	812	12,76	9.282	7.902	85,13	13.351	37.795	(2)
República Dominicana	—	—	—	4.509	—	—	12.667	—	—
Suíça	3.180	—	—	3.491	—	—	8.616	—	—
Portugal	2.281	—	—	6.687	—	—	6.989	—	—
Espanha	—	—	—	5.741	117	2,04	3.644	1.911	52,44
Venezuela	—	—	—	—	—	—	2.959	343	11,59
Subtotal	215.454	812	0,38	369.376	10.698	2,90	409.016	58.628	14,33
Outros	88.961	70	0,08	70.016	583	0,83	59.454	1.052	1,77
Total	304.415	882	0,29	439.392	11.281	2,57	468.470	59.680	12,74

(1) Foram seleccionados inicialmente os dez maiores importadores mundiais de óleo de amendoim, em 1971-73, acrescentando em seguida, os principais importadores do Brasil em 1971-73, quando não incluídos na relação inicial.

(2) Devido ao fato de os dados sobre importações mundiais e exportações brasileiras serem de fontes diferentes, surgiu distorção no caso dos Países Baixos.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da CACEX (1) e da FAO (3).

especialmente do mercado africano. Esta fragilidade se faz maior nos países que mantêm vínculos estreitos de natureza político-econômica com os países de região, principalmente a França e o Reino Unido. Assim, as oportunidades maiores de exportação de óleo de amendoim deverão estar junto aos mercados da Europa; de menor expressão e de menor circulação, com os países do continente africano.

5 - MERCADO EXPORTADOR PAULISTA (2)

5.1 - Canais de Comercialização

Identifica-se o fluxo de comercialização interna do óleo de amendoim em São Paulo, como compreendendo atividades desde a aquisição da matéria-prima junto ao produtor, até a colocação do produto final à disposição dos embarques para o exterior. Constatou-se a inexistência de intermediários nas etapas anteriores e posteriores à fase de industrialização, uma vez que a grande maioria dos exportadores são paralelamente as mesmas indústrias que processam o amendoim em grão.

Dessa forma, 92,9 por cento do produto exportado, em 1973, foram provenientes das usinas das próprias firmas exportadoras, sendo os restantes 7,1 por cento adquiridos diretamente de outras indústrias ou por intermédio de corretores (quadro 16).

As fontes de abastecimento de matéria-prima para as indústrias foram as regiões produtoras de São Paulo (79,6 por cento) e de outros estados (20,4 por cento), visto ser a produção paulista insuficiente para atender às necessidades das usinas localizadas no Estado.

Nas operações de venda para o exterior predominam aquelas realizadas com agentes de importadores que possuem escritórios no País e representam compradores de grandes lotes do produto. Através deste canal, foram comercializados, em 1973, 87,3 por cento do volume exportado. Os restantes 12,7 por cento foram adquiridos em pequenos lotes por firmas intermediárias que reúnem lotes maiores para revenda.

O processo de exportação é encerrado através da atuação de firmas especializadas em atividades auxiliares, tais como comissárias e despachantes, que lidam com a parte burocrática e serviços de armazenamento e transporte no Porto de Santos.

(2) O critério adotado no levantamento e análise dos dados desta pesquisa é apresentado na Metodologia. Quando não for feita referência em contrário, os dados aqui apresentados dizem respeito à amostra das empresas exportadoras.

O fluxo de distribuição do óleo de amendoim é apresentado na figura 1. As etapas de produção e aquisição do amendoim em grão, assim como as características das empresas exportadoras, do produto exportado e das operações envolvidas no processo de exportação, serão tratadas em maior detalhe nos itens subseqüentes.

5.2 - Produção e Aquisição de Matéria-prima

Constatou-se que as fontes de suprimento dos exportadores de óleo de amendoim encontram-se principalmente no interior do Estado e correspondem às regiões de maior produção de amendoim em grão e de maior concentração de estabelecimentos industriais beneficiadores da matéria-prima. A figura 1 ilustra este aspecto, mostrando a localização das áreas de produção das usinas produtoras de óleo e farelos no Estado de São Paulo.

Os fornecimentos da matéria-prima do interior do Estado são provenientes, principalmente, das DIRAs de Ribeirão Preto, Presidente Prudente e Marília, que em 1973/74 participaram com 79,1 por cento da produção paulista e que dispõem de 15 das 20 usinas de beneficiamento de amendoim do Estado (quadro 11).

Entretanto, o Estado de São Paulo não é auto-suficiente na produção da matéria-prima utilizada para fabricação do óleo de amendoim. Os estabelecimentos considerados adquiriram, em 1973, 79,6 por cento da matéria-prima necessários à produção do óleo destinado à exportação, no Estado de São Paulo, sendo os restantes 20,4 por cento adquiridos em outros Estados (quadro 12).

O Estado de São Paulo, que tem sido o principal produtor nacional de amendoim, teve uma queda de 37 por cento, em 1973/74, na sua produção, quando comparada com a de 1970/71, resultante de uma redução de 303.100 hectares na área cultivada.

Como conseqüência, a matéria-prima destinada à indústria - em torno de 50 por cento da produção paulista - viu-se substancialmente reduzida (quadro 13). Das 291 mil toneladas destinadas, em 1969/70, às indústrias, passaram estas a absorver somente 169 mil toneladas em 1972/73. Como conseqüência da grande baixa que vem se verificando na produção do amendoim neste período, as indústrias tendem a operar paralelamente com outros produtos, principalmente a soja.

Quanto ao período de aquisição da matéria-prima, constatou-se que está diretamente relacionado à época de colheita do grão e à demanda do mercado externo. O produto destinado à indústria é entregue quase que imediatamente após a colheita para seu processamen-

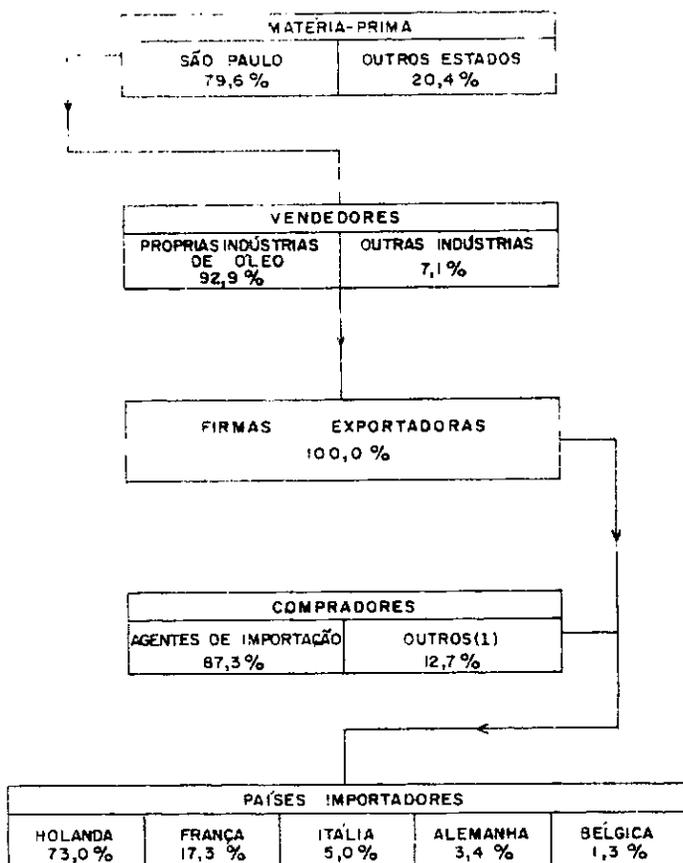


FIGURA 1. - Fluxo de Comercialização do Óleo de Amendoim pelo Porto de Santos. Firms Exportadoras - mostra, Estado de São Paulo, 1973.

QUADRO 11. - Produção de Amendoim em Grão e Distribuição dos Estabelecimentos Industriais no Estado de São Paulo, 1973/74

DIRA	Produção		Estabelecimento	
	t	%	nº	%
São Paulo	100	0,0	1	5,0
Sorocaba	450	0,2	—	—
Campinas	1.150	0,4	—	—
Ribeirão Preto	59.000	22,0	3	15,0
Bauru	7.750	2,9	2	10,0
São José do Rio Preto	26.500	9,9	—	—
Araçatuba	20.050	7,5	2	10,0
Presidente Prudente	83.000	30,9	5	25,0
Marília	70.500	26,3	7	35,0
Total	268.500	100,0	20	100,0

Fonte: Previsão e Estimativa de Safra do Estado de São Paulo, ano agrícola 1973/74, 5º levantamento (4).

QUADRO 12. - Fontes de Suprimento de Amendoim em Grão para as Indústrias Pertencentes às Empresas de Exportação - Estado de São Paulo, 1973

Estrato	Estado de São Paulo								Total no Brasil (t)
	Capital		Interior		Total		Outros Estados		
	t	%	t	%	t	%	t	%	
I	—	—	—	—	—	—	—	—	—
II	—	—	33.737	91,5	33.737	91,5	3.137	8,5	36.874
III	928	2,4	25.087	65,7	26.016	68,1	12.178	31,9	38.194
Total	928	1,2	58.825	78,4	59.753	79,6	15.315	20,4	75.068

Fonte. Dados calculados a partir das percentagens obtidas na pesquisa.

Os dados de óleo foram transformados em tonelada grão-equivalente.

QUADRO 13. - Produção Agrícola, e Consumo e Conversão da Indústria de Óleo, Amendoim em Casca, Estado de São Paulo, 1969/70 a 1972/73

Período	Produção (1.000t)	Consumo		Conversão em óleo ⁽²⁾ (1.000t)
		1.000t	%	
1969/70	620	291	46,9	93
1970/71	637	357	56,0	114
1971/72	645	387	60,0	124
1972/73	312	169 ⁽¹⁾	54,3 ⁽¹⁾	54

(1) Valor estimado com base na porcentagem média do período 1969/70 a 1972/73.

(2) Fator de conversão: 0,32 (100kg c/casca igual a 70kg s/casca igual a 32 litros).

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

to. Este fato explica-se, em parte, devido à dificuldade de estocagem resultante do grau de umidade do produto, que é geralmente colhido sob condições insatisfatórias e também porque o beneficiamento do amendoim precisa ser feito antes da entrada das safras da soja e de outras oleaginosas.

Ao considerar a média mensal dos embarques registrados no Porto de Santos durante o triênio 1971-73 (quadro 14) para óleo de amendoim, nota-se maior concentração nos meses de fevereiro, março e abril, ou seja, logo após a colheita do amendoim das águas, em dezembro/janeiro. Durante o triênio 1971-73, o mês de março situou-se no pico das exportações, tendo sido embarcados 27,9 por cento do volume médio anual.

Portanto, o período de compra da matéria-prima concentrava-se nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro e o período de embarques, em fevereiro, março e abril.

5.3 - Comércio Exportador

5.3.1 - Características das empresas exportadoras

Foram selecionados oito estabelecimentos exportadores, para a pesquisa da comercialização do óleo de amendoim, cujo volume exportado, em 1973, alcançou 24.022 mil toneladas, ou seja, 62,8 por cento do volume exportado por Santos. A distribuição desses estabelecimentos por estrato revela que não se registrou empresa exportando volume superior a 10.000t anuais. Os estabelecimentos do estrato II, que são dois, participaram com 49,1 por cento, ou seja, 11.800t; os pertencentes ao estrato III, que são seis, obtiveram uma participação de 50,9 por cento, que corresponde a 12.222t (quadro 15).

Com relação à atividade principal, registrou-se predominância no setor exportador de estabelecimentos industrializadores dos grãos de amendoim e soja, para obtenção de derivados (quadro 15). De fato, pode-se notar no quadro 16 que, do volume total exportado pelos estabelecimentos da amostra, 92,9 por cento originaram-se das próprias unidades industriais, sendo que somente as firmas do estrato II tiveram necessidade de recorrer a outras fontes de suprimento. Daí decorre o fato das firmas exportadoras possuírem uma linha pouco diversificada, com média de dois produtos exportados por estabelecimento. Constatou-se que estas exportaram, além do óleo de amendoim, outros produtos como o farelo de amendoim, o farelo de soja e a soja em grão.

QUADRO 14. - Distribuição Mensal da Exportação de Óleo de Amendoim pelo Porto de Santos e Preços Médios Recebidos pelo Produtor Paulista de Amendoim em Grão, 1971-73

Mês	1971			1972			1973			1971-73(média)	
	t	%	Cr\$/25kg	t	%	Cr\$/25kg	t	%	Cr\$/25kg	t	%
Jan.	1.700	5,9	12,70	818	1,7	14,33	1.936	6,1	20,85	1.485	4,1
Fev.	2.821	9,8	14,66	7.684	15,6	13,94	7.391	23,4	24,97	5.965	16,3
Mar.	11.102	38,7	15,28	12.597	25,5	13,89	6.890	21,8	25,52	10.196	27,9
Abr.	5.871	20,5	15,39	13.362	27,1	14,06	3.383	10,7	25,27	7.539	20,6
Mai.	1.210	4,2	14,45	4.399	8,9	14,56	3.747	11,8	25,61	3.119	8,5
Jun.	1.280	4,5	14,13	906	1,8	15,38	1.400	4,4	28,59	1.195	3,3
Jul.	1.951	6,8	14,86	1.597	3,2	16,32	1.407	4,4	32,81	1.652	4,5
Ago.	1.277	4,5	16,44	4.401	8,9	18,01	1.835	5,8	35,39	2.504	6,8
Set.	450	1,6	16,46	650	1,3	16,80	2.133	6,7	39,88	1.078	3,0
Out.	—	—	16,17	690	1,4	18,77	750	2,4	39,90	480	1,3
Nov.	415	1,4	16,62	450	0,9	18,67	301	1,0	39,50	389	1,1
Dez.	590	2,1	17,33	1.819	3,7	20,39	490	1,5	38,21	966	2,6
Total	28.667	100,0	—	49.373	100,0	—	31.663	100,0	—	36.568	100,0

Fonte: IEA e Revista Mensal de Exportação (5).

QUADRO 15. - Aspectos da Amostra dos Estabelecimentos Exportadores de Óleo de Amendoim pelo Porto de Santos, 1973

Estrato	Estabelecimento exportador (nº)	Exportação (t)	Atividade dominante	Linha de produtos		Tradição no mercado		Filiais no País (nº)	Organização jurídica
			Industrialização (nº estab.)	Produtos (nº)	Média por estab. (t)	Tradicional (nº)	Não tradicional (nº)		Sociedade anônima (nº)
I	—	—	—	—	—	—	—	—	—
II	2	11.800	2	3	1,5	2	—	17	2
III	6	12.222	6	15	2,5	4	2	59	6
Total	8	24.022	8	18	2,2	6	2	76	8

Fonte: IEA.

No que diz respeito ao aspecto da tradição no mercado exportador, verifica-se que todas as empresas pertencentes ao estrato II são tradicionais, enquanto que no estrato III, apenas 66,7 por cento são tradicionais. As empresas são denominadas tradicionais no caso de terem iniciado suas exportações em anos anteriores à década de 1960. Desta forma, constata-se que os estabelecimentos da amostra envolvidos na atividade exportadora de óleo de amendoim são predominantemente tradicionais.

As empresas estudadas também se caracterizam por terem suas matrizes no Estado de São Paulo, apesar de possuírem ramificações em outros Estados. Foi encontrado um número médio de nove sucursais por estabelecimento. Entretanto, os estabelecimentos que foram considerados não tradicionais possuem, em média, apenas duas sucursais.

Constatou-se, como outra característica das empresas consideradas, que juridicamente todas são do tipo sociedade anônima (quadro 15).

5.3.2 - Características do produto

O Conselho Nacional do Comércio Exterior (CONCEX) não estabeleceu normas de classificação e padronização para o óleo de amendoim. Este produto é regulado através das características estabelecidas pelos importadores nas cartas de crédito. Dessa forma, apoiando-se nas especificações constantes nas cartas de crédito consultadas e nas informações fornecidas por técnicos ligados a atividades de exportação, foi possível chegar à conclusão de que o tipo de óleo de amendoim mais solicitado e portanto mais exportado é o óleo sob a forma bruta, com teor máximo de acidez de 2,0 por cento e com umidade de 0,5 por cento.

O óleo é praticamente todo exportado sob a forma bruta, devido à dificuldade do exportador em atender às exigências de ordem técnica fornecidas pelos importadores para o transporte do produto refinado, uma vez que este fica sujeito à oxidação e contaminação quando transportado em navios tanque. Ademais, se o óleo fosse transportado em tambores, o custo de comercialização seria demasiadamente elevado para compensar a exportação do óleo refinado.

Pode-se constatar, inclusive, uma preferência dos importadores pelo óleo bruto, já que na Europa o produto é refinado por modernos processos industriais que modelam o paladar deste segundo a preferência do mercado consumidor final.

5.3.3 · Características das transações

- Compradores

No processo de comercialização do produto ao exterior, destacam-se dois tipos de compradores: agentes de importadores e outros intermediários.

Os primeiros são grupos internacionais com escritórios de representação em São Paulo, que possuem profundo conhecimento dos mercados nacional e internacional e negociam o produto através de seus agentes que determinam o prazo de entrega, o preço e a qualidade desejada. Na prática, a negociação se faz por intermédio de um elemento que não assume a propriedade do produto e que procura atender às solicitações do comprador. Outra característica deste tipo de transação é a aquisição de grandes lotes com o objetivo de usufruir vantagens de frete. Em 1973, os agentes importadores adquiriram diretamente dos estabelecimentos da amostra 87,3 por cento do volume por estes exportado (quadro 17).

Os outros intermediários são, predominantemente, estabelecimentos de exportação no País que reúnem pequenos lotes e os oferecem diretamente a outros importadores no exterior ou aos agentes importadores mencionados. Estes estabelecimentos, que lidam com o produto proveniente de pequenas indústrias e que cobram 1 por cento de comissão pelas vendas efetuadas, comercializam cerca de 12,7 por cento do volume total exportado. Pode-se observar no quadro 17 que os maiores exportadores são também aqueles que realizam maior volume de negócios com agentes de importadores, enquanto que as menores firmas são também dependentes de outros intermediários para suas exportações.

- Condições de venda

Na comercialização do óleo de amendoim para o exterior, a modalidade preferida pelos exportadores paulistas tem sido a venda FOB, através da qual o exportador assume a responsabilidade por todas as despesas internas até o efetivo embarque da mercadoria, eximindo-se das despesas com reservas de praça e despesas marítimas, no caso do transportador não estar em condições de receber a carga no prazo estipulado, e outras que possam surgir após o embarque.

Argumentam os exportadores paulistas que a venda livre a bordo é mais vantajosa para volumes de venda reduzidos, uma vez que a

QUADRO 16. - Fontes de Suprimentos de Óleo de Amendoim para Exportação pelo Porto de Santos, Dados da Amostra, 1973

Estrato	Exportação (t)	Produção própria		Aquisição de outras indústrias	
		t	%	t	%
I	—	—	—	—	—
II	11.800	10.105	85,6	1.695	14,4
III	12.222	12.222	100,0	—	—
Total	24.022	22.327	92,9	1.695	7,1

Fonte: IEA.

QUADRO 17. - Compras de Óleo de Amendoim Exportado pelo Porto de Santos, Dado de Amostra, 1973

Estrato	Exportação (t)	Comprador			
		Agente do importador		Outros	
		t	%	t	%
I	—	—	—	—	—
II	11.800	11.800	100,0	—	—
III	12.222	9.181	75,1	3.401	24,9
Total	24.022	20.981	87,3	3.041	12,7

Fonte: IEA.

venda C & F ou CIF exigiria o afretamento de navios. Por outro lado, os importadores, possuidores de toda uma organização no exterior especializada na compra e venda de diversos produtos, são contemplados por benefícios de custo de frete em razão de melhor utilização da capacidade de carga dos navios.

Assim sendo, nas circunstâncias atuais, a venda FOB é a que apresenta maiores vantagens, minimizando os riscos e os custos de venda do produto na comercialização deste ao exterior.

- Informações de Mercado

A cotação da praça de Rotterdam é tida como referência à fixação de preço, uma vez que os Países Baixos são o principal mercado importador do produto brasileiro. Quanto à obtenção do preço-dia, verificou-se serem os principais meios de informação o telex e o telefone, embora alguns recorram aos jornais.

5.3.4 - Transporte interno, armazenagem e embarque

O sistema predominante no transporte de óleo de amendoim da zona de produção ao terminal de Santos é o ferroviário, conforme os resultados do levantamento realizado junto aos estabelecimentos da amostra. De fato, esta modalidade de transporte, em 1973, contribuiu com 74,0 por cento do volume exportado (quadro 18).

Entretanto, verificou-se que nos estabelecimentos que operam em menor escala, a produção de uso do sistema rodoviário se fez mais significativa, sendo responsável por 34,7 por cento do volume escoado ao porto. Este resultado deve-se, provavelmente, ao menor poder de barganha destes estabelecimentos na contratação de vagões de carga devido à escassez destas unidades e à forte disputa gerada por parte daquelas que exportam volumes superiores.

Com referência à qualidade dos serviços prestados pela ferrovia, ficou evidenciado que a grande maioria considera as condições de escoamento entre regulares e ruins (quadro 19). Os informantes consideraram insatisfatórios os serviços prestados pela ferrovia, devido principalmente aos seguintes problemas: escassez de vagões, reduzida velocidade comercial dos mesmos, demora nas operações de carga e descarga e evidente incapacidade do sistema ferroviário em suportar volumes crescentes de carga em período de pico.

Quanto às condições de armazenamento no porto, a maior parte dos entrevistados considerou-as ruins e, portanto, insatisfatórias.

QUADRO 18. - Meios Utilizados no Transporte de Óleo de Amendoim no Terminal de Santos, Dados da Amostra, 1973

Estrato	Rodovia		Ferrovia		Total
	t	%	t	%	t
I	—	—	—	—	—
II	2.008	17,0	9.792	83,0	11.800
III	4.238	34,7	7.984	65,3	12.222
Total	6.246	26,0	17.776	74,0	24.022

Fonte: IEA.

QUADRO 19. - Avaliação das Condições de Transporte, Armazenagem e Embalagem de Óleo de Amendoim pelo Porto de Santos, Segundo a Opinião dos Gerentes dos Estabelecimentos da Amostra, 1973

Item	Condição					
	Boa		Regular		Ruim	
	nº	%	nº	%	nº	%
Transporte	0	0,0	3	37,5	5	62,5
Armazenagem	1	12,5	2	25,0	5	62,5
Embarque	2	25,0	4	50,0	2	25,0
Total	—	12,5	—	37,5	—	50,0

Fonte: IEA.

As opiniões referentes às condições de embarque nos navios foram mais divididas, podendo ser consideradas satisfatórias (quadro 19).

Prevalece entre os exportadores a opinião de que os atuais problemas de infra-estrutura na comercialização dos produtos ao exterior são fatores altamente limitativos à expansão das exportações.

5.4 - Comportamento das Exportações

O volume das exportações paulistas de óleo de amendoim, em 1973, teve uma contribuição de 71,4 por cento nas exportações brasileiras, sendo que os estabelecimentos da amostra representaram 75,9 por cento das exportações paulistas.

Ao analisar o quadro 20, que registra, a partir das exportações paulistas, o volume recebido pelos países importadores e sua participação média, entre 1971 e 1973, pode-se inferir as seguintes observações:

- a) o volume das exportações, em 1973, apresentou um incremento percentual positivo de 10,4 por cento em relação a 1971 e um incremento percentual negativo de 56,7 por cento em relação ao ano anterior;
- b) a nível de áreas geo-econômicas importadoras, as exportações paulistas orientaram-se principalmente para o Mercado Comum Europeu, que teve uma participação média de 91,3 por cento nas exportações do período considerado;
- c) os cinco principais mercados e sua participação média foram: Países Baixos (66,6 por cento), França (10,0 por cento), Alemanha Ocidental (8,2 por cento), Espanha (4,0 por cento) e Itália (3,2 por cento) que totalizaram, em média, 91,0 por cento das exportações paulistas. Convém observar a posição de destaque dos Países Baixos;
- d) durante o período 1971-73, manteve-se o mesmo número de países importadores de São Paulo. Entretanto, somente cinco podem ser considerados como compradores habituais durante os três anos considerados: Alemanha Ocidental e Oriental, França, Itália e Países Baixos, sendo que os dois primeiros apresentaram considerável declínio em importância;
- e) a composição do mercado paulista de óleo de amendoim apresentou modificações neste período, a saber: o Mercado Comum Europeu cresceu muito em importância, devido principalmente à atuação de Países Baixos, França e Itália, cujas importações estão aumentando gradativamente em detrimento das realizadas pela Euro-

QUADRO 20. - Exportação Paulista de Óleo de Amendoim por País de Destino, 1971-73

Destino	1971		1972		1973		Média aritmética 1971-73	
	t	%	t	%	t	%	t	%
Mercado Comum Europeu								
Alemanha Ocidental	5.599	19,6	2.788	5,6	670	2,1	3.019	8,2
Bélgica	275	1,0	—	—	300	0,9	192	0,5
França	1.500	5,2	4.746	9,6	4.742	15,0	3.663	10,0
Itália	580	2,0	937	1,9	2.002	6,3	1.173	3,2
Inglaterra	1.467	5,1	1.639	3,3	—	—	1.035	2,8
Países Baixos	18.180	63,4	33.339	67,2	21.648	68,4	24.388	66,6
Subtotal	27.601	96,3	43.449	87,6	29.362	92,7	33.470	91,3
Outros Países								
Alemanha Oriental	665	2,3	1.600	3,2	650	2,1	972	2,7
Austrália	—	—	200	0,4	—	—	67	0,2
Espanha	—	—	3.847	7,8	510	1,6	1.449	4,0
Estados Unidos	—	—	500	1,0	—	—	167	0,4
Hong-Kong	—	—	—	—	29	0,1	10	0,0
Suíça	400	1,4	—	—	—	—	133	0,4
Venezuela	—	—	—	—	1.121	3,5	373	1,0
Subtotal	1.065	3,7	6.147	12,4	2.301	7,3	3.171	8,7
Total	28.666	100,0	49.595	100,0	31.663	100,0	36.641	100,0

Fonte: Revista Mensal de Exportação (5).

pa Oriental.

Ao se comparar os mercados dos estabelecimentos da amostra (quadro 21) com os do Estado de São Paulo (quadro 20), verifica-se uma certa semelhança entre os dois grupos, fato que comprova a significância da amostra. Os principais mercados paulista, em 1973, foram: Países Baixos (68,4 por cento), França (15,0 por cento) e Itália (6,3 por cento), totalizando 89,7 por cento; estes mesmos mercados, na amostra, responderam respectivamente, por 73,1 por cento, 17,3 por cento e 5,0 por cento, totalizando 95,4 por cento das exportações.

É interessante ressaltar que os estabelecimentos menores do estrato III apresentaram maior diversificação quanto ao número de mercados que os estabelecimentos do estrato II que restringiram suas vendas a três compradores. Outro aspecto reflete que, em 1973, os mercados paulistas foram nove, enquanto que os mercados da amostra foram apenas cinco.

Os valores total e unitário das exportações paulistas por país de destino, obtidos na CACEX, originaram-se de fonte diversa dos quadros anteriores, não servindo, portanto, de base para comparações específicas. Mesmo assim, uma visão geral indica o seguinte:

- a) o valor unitário médio das exportações paulistas, em 1973, foi de US\$439/tonelada;
- b) do valor total das importações de óleo de amendoim de São Paulo, os Países Baixos predominavam, com uma participação de 63,5 por cento; a seguir, vinham a França (18,7 por cento), Alemanha Ocidental (6,0 por cento) e Itália (5,7 por cento). Estes países responderam por 93,9 por cento do valor das exportações paulistas e por 94,7 por cento de seu volume; e
- c) o Mercado Comum Europeu, cuja participação, em valor, foi de 94,6 por cento do total das exportações, obteve um valor unitário de US\$434/tonelada, enquanto que Hong-Kong, com uma participação de apenas 0,1 por cento, obteve o maior valor unitário, ou seja, US\$693/tonelada; o menor valor unitário coube a Belux, com US\$416/tonelada para uma participação de 0,7 por cento.

6 - PERSPECTIVA E POTENCIAL

No mercado mundial, a participação do óleo de amendoim, no valor das exportações conjuntas de óleo, farelo e grão de amendoim, foi de 25 por cento, no triênio 1964-66 e de 31 por cento no triênio 1971-73, enquanto que no Brasil tais relações foram de 0 por cento em 1964-66 e de 44 por cento, em 1971-73. Desta forma, pode-se constatar

QUADRO 21. - Exportação de Óleo de Amendoim por País de Destino, Estabelecimentos da Amostra, 1973

Estrato	Total (t)	Países Baixos		França		Itália		Alemanha Occidental		Bélgica	
		t	%	t	%	t	%	t	%	t	%
I	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
II	11.800	9.055	76,7	2.275	19,3	—	—	470	4,0	—	—
III	12.222	8.506	69,6	1.867	15,3	1.200	9,8	350	2,9	300	2,4
Total	24.022	17.580	73,1	4.142	17,3	1.200	5,0	820	3,4	300	1,2

Fonte: Revista Mensal de Exportação (5).

tar que a situação do óleo entre os produtos de amendoim, no mercado mundial, não apresentou modificações significativas, ao passo que, nas exportações brasileiras, este produto está apresentando grande destaque em sua posição relativa.

De fato, deve-se observar que o Brasil, no período 1968-70, classificou-se na posição do oitavo exportador mundial de óleo de amendoim, passando, já no triênio 1971-73, para a posição do terceiro exportador. Nota-se, também, que a taxa de crescimento das exportações mundiais, no período 1968-70 a 1971-73, foi de 1,5 por cento a.a., enquanto a taxa de crescimento das exportações brasileiras chegava a 73,7 por cento a.a.

Pode-se explicar o fato de as exportações brasileiras crescerem em ritmo bem superior ao das exportações mundiais, devido em parte à política governamental brasileira que desde 1970 vem incentivando as exportações deste produto, que proporcionam divisas bem superiores às alcançadas pelo óleo de soja, cujas exportações foram contingenciadas com a finalidade de abastecer o mercado interno. Por outro lado, a baixa taxa de crescimento das exportações mundiais deve-se principalmente ao Senegal e Nigéria, com posição de 1º e 2º lugar como maiores exportadores, que apresentaram, no período considerado, taxas negativas de crescimento.

O destino das exportações brasileiras, assim como das exportações mundiais, é principalmente a Europa ou, mais especificamente, os países integrantes do Mercado Comum Europeu. Entre os dez maiores importadores mundiais, oito situam-se na Europa (seis pertencem ao Mercado Comum Europeu). Durante o triênio 1971-73, a Europa absorveu 84 por cento do volume total das importações mundiais, dos quais 77 por cento foram absorvidos pelo MCE, 6 por cento pela AELC e o restante por outros. Das exportações brasileiras, em 1971-73, 99 por cento destinaram-se à Europa, dos quais 94 por cento ao MCE, 1 por cento ao COMECON e 3 por cento a outros.

Ao nível dos principais importadores, as taxas mais elevadas de crescimento das importações mundiais (quadro 22) foram registradas pela Itália (44 por cento), República Dominicana (41 por cento), Suíça (35 por cento), Belux (21 por cento) e Países Baixos (19 por cento) durante o período 1968-70 a 1971-73. Destes países, somente nos Países Baixos e na Itália o Brasil teve atuação significativa. Os mercados brasileiros são pouco diversificados, sendo que no triênio 1971-73, 63 por cento de suas exportações concentravam-se somente nos Países Baixos, 15 por cento na Alemanha Ocidental e 10 por cento na França.

Constatou-se que as exportações brasileiras tiveram uma parti-

QUADRO 22. - Algumas Características Consideradas na Definição de Mercados Potenciais para as Exportações Brasileiras de Óleo de Amendoim, Países Seleccionados, 1971-73

(%)

Característica	País seleccionado											
	Alemanha Ocidental	Belux	Espanha	França	Hong-Kong	Itália	Países Baixos	Portugal	Reino Unido	República Dominicana	Suíça	Venezuela
1. Participação percentual no mercado mundial importador	13,7	6,8	0,8	35,4	3,3	3,5	2,8	1,5	14,5	2,7	1,8	0,6
2. Taxa de crescimento anual das importações (1)	5,4	21,1	...	4,4	4,7	44,4	18,9	1,5	-12,9	41,1	35,1	...
3. Participação percentual na exportação brasileira	14,7	0,4	3,2	10,4	0,0	2,9	63,3	0,0	2,5	0,0	0,0	0,6
4. Participação percentual da exportação brasileira na importação total	13,7	0,9	52,4	3,8	0,1	10,6	(2)	0,0	2,2	0,0	0,0	11,6

(1) Refere-se ao período 1968-70/1971-73.

(2) Como os dados referentes a importações mundiais e exportações brasileiras são de fontes diferentes surge distorção no caso dos Países Baixos.

Fonte: FAO (3) e CACEX (1).

cipação de mais de 10 por cento no volume de importações dos seguintes países: Alemanha Ocidental, Itália, Países Baixos, Espanha e Venezuela.

Em vista da análise das relações estabelecidas entre as exportações brasileiras e as exportações mundiais, subsistem ponderáveis argumentos em favor da manutenção e ampliação dos mercados mundiais para o óleo de amendoim brasileiro. Estas considerações são extensivas ao produto paulista, que participa com a maior parcela das exportações nacionais. Com a finalidade de delinear possibilidades, foram selecionados os seguintes critérios para classificação dos mercados com maior potencialidade:

- a) mercados importadores, cujas compras no Brasil são pequenas ou inexistentes: Belux, Hong-Kong, República Dominicana, Suíça, Portugal e Reino Unido;
- b) mercados importadores, cujas compras no Brasil apresentam fortes oscilações: França, Reino Unido, Alemanha Ocidental, Itália, Países Baixos, Espanha e Venezuela; e
- c) mercados que importam regularmente do Brasil: Países Baixos, Alemanha Ocidental.

Ao se considerar estes critérios e analisar os dados do quadro 10, torna-se evidente que o Brasil não é ainda um exportador tradicional deste produto e que seus mercados ainda não estão bem definidos (com exceção dos Países Baixos), constatando-se também grandes oscilações nos atuais mercados.

Ademais, ao acompanhar a crescente participação do Brasil nas importações mundiais, que no período 1960-62 participou com 0,3 por cento nas mesmas, em 1968-70, com 2,6 por cento e em 1971-73 alcançou a significativa participação de 12,7 por cento, seria coerente que, no momento, o esforço brasileiro de exportação do óleo de amendoim atingisse tanto os grandes como os pequenos mercados mundiais. Entretanto, um estudo mais profundo de mercados dessa categoria poderá, talvez, apontar boas possibilidades para o Brasil e, conseqüentemente, para São Paulo.

LITERATURA CITADA

1. COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL. Rio de Janeiro, Ministério da Fazenda, Secretaria da Receita Federal, Centro de Informação Econômico - Fiscais/Banco do Brasil, CACEX, 1960-73.

2. GOLDENBERG, Irene; LINS, Everton R. de; TOPEL, Roxana. *Exportações agrícolas de São Paulo e seu potencial: soja em grão*. São Paulo, Secretaria da Agricultura, Instituto de Economia Agrícola, 1978. 51p. (Relatório de Pesquisa, 2)
3. NAÇÕES UNIDAS. FAO. Trade Yearbook. Roma, 1960-73.
4. PREVISÃO e estimativa de safra do Estado de São Paulo: 5º levantamento dos anos agrícolas 1971-72, 1972-73 e 1973-74. São Paulo, Secretaria da Agricultura, Instituto de Economia Agrícola, 1971-74.
5. REVISTA MENSAL DE EXPORTAÇÃO. Santos, SP, M.E. Fernandes, 1971-73.

AGRICULTURAL EXPORTS AND ITS FUTURE POTENTIALS IN THE STATE OF SÃO PAULO - PEANUT OIL

SUMMARY

The purpose of this work was to characterize the peanut oil commercializing process in the State of São Paulo, which is the main national exporter, to analyze the commercial comparative advantages among the exporters from São Paulo and the competitive markets, and to evaluate the problems of substructure that render the commerce expansion difficult.

The methodology consisted in selecting a group of organizations that export a significant part of the annual exporting volume through the Santos terminal.

Among the more relevant results, it was found that Brazil is not yet a traditional peanut oil exporter, and that its markets are not well defined at this time, in spite of the growing Brazil's participation in the world imports during the considered period.